

# 4 Engenheiro cortou enlatados, a CSN produz menos latas e congela salário de Maurício...

Carla Rodrigues

227

Da última vez que empurrou um carrinho de compras no supermercado, o engenheiro eletricitista Pedro Carlos Ellwanger, 45 anos, já estava desempregado. Demitido da White Martins no dia 16 de novembro, ele sabia que não podia mais contar com o salário de Cr\$ 230 mil e foi às compras disposto a diminuir despesas. Acostumado a gastar Cr\$ 50 mil mensais no supermercado, Pedro deixou na prateleira do Paes Mendonça da Ilha do Governador, onde mora, todas as latas de doce e geleias que costumava comprar para os filhos Bernardo, 16, e Stephan, 14.

"Agora, nem goiabada", brinca este descendente de alemão que imagina ter economizado pelo menos 10% com a redução de enlatados, queijos e frios. Apesar dos 20 anos de experiência como engenheiro, desde que demitido da White Martins — a empresa demitiu 2.100 funcionários este ano — Pedro já deixou seu currículo profissional em mais de 20 agências de emprego, mas ainda não conseguiu voltar ao mercado de trabalho. "Tenho convicção de que o desemprego vai ser curto". Ainda assim, sua preocupação é conseguir esticar o dinheiro que recebeu da indenização.

As viagens de fim de semana estão suspensas, o Gol 1987 está parado na garagem, a compra da bicicleta que Stephan pleiteava de presente de Natal está adiada (a queda na produção de bicicletas este ano é de 10%, segundo dados da Abaciclos). "A ordem é gastar o mínimo possível", diz. Ao deixar na prateleira do supermercado as latas de pêssego, figo e

conservas, Pedro desencadeia uma corrente recessiva que já se reflete na produção da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda. Segundo o diretor comercial da CSN, Paulo Yoshida, a empresa vai registrar, em 1990, queda de 37% em relação a 1989 nas encomendas de folhas de flandres, material utilizado em produtos enlatados. Até outubro, a CSN já contabilizava queda de 49,5% na sua produção total de aço em relação ao mesmo período do ano passado.

As dificuldades financeiras da CSN influem diretamente na vida dos seus 18,5 mil funcionários sediados em Volta Redonda. O último reajuste salarial pago pela CSN foi em setembro. Desde então, o menor salário na empresa é de Cr\$ 23 mil e o teto é Cr\$ 181 mil, sem reposição mensal da inflação. "O dinheiro não dá para mais nada", lamenta o controlador Maurício Moreira, 28 anos, casado, dois filhos pequenos. A queda do poder de compra do salário de Cr\$ 40 mil que recebe na CSN mudou os hábitos da sua família.

Morador do Retiro, bairro de classe média em Volta Redonda, ele gasta Cr\$ 15 mil de alimentação, quantia que divide entre as compras no supermercado Floresta e o açougue Primavera. "Se antes comprava vinte quilos por mês, hoje compro só dez", queixa-se. Ele foi apenas mais um a reduzir o consumo de carne da família — no açougue Primavera, o proprietário, Geraldo Imaculada, 40 anos, vendia 5 mil quilos de carne por mês em outubro, número que despencou para 2,8 mil em novembro.

"Nunca vi tempos tão ruins", conta Geraldo, proprietário do açougue há cinco anos. Com a queda no faturamento, ele também reduziu seu orçamento doméstico. Cortou as fru-



Rui e Benedita: bolinhos de farinha de trigo para os filhos

tas das três crianças e só acredita que vai poder comprar presente de Natal para os filhos porque espera — como todo comerciante da cidade — que o pagamento do 13º salário dos funcionários da CSN promova alguma melhora no movimento. Na semana passada, as lojas vazias viviam da expectativa de que a injeção de US\$ 1,9 bilhão que a CSN pagará de 13º salário no dia 20 animasse o fraco ritmo de vendas.

Também no Retiro, a loja de tintas Bom Pintor registra forte queda no movimento. O vendedor, que preferiu não se identificar, conta que a loja só enche de pintores se queixando da falta de trabalho neste final de ano. "Está faltando serviço para todo mundo", constata. A queda da atividade econômica foi bater com força na porta do pintor Rui Carlos dos Santos, 33 anos, casado, pai de dois filhos, demitido da CSN em agosto. Desde então, ele tem tentado, sem sucesso, fazer biscoitos para engrossar os Cr\$ 18 mil que ainda recebe da siderúrgica (parcela de salário atrasado). "Não aparece

nada", lamenta ele, que hoje gasta seu tempo tentando terminar de construir a própria casa no terreno deixado pelo pai.

A mulher, Benedita, ganha Cr\$ 8 mil como empregada doméstica e em casa se vira para alimentar Fábio, 10 anos e Franciane, 6. Da patroa ela ganha uma cesta básica — 10 quilos de arroz, 5 de açúcar, 2 latas de óleo, 1 quilo de sal, 1 de macarrão, 250 gramas de café, 2 quilos de fubá — e assim mesmo o salário vai todo no supermercado, onde compra ovos, batata, cebola e leite para completar o cardápio da família. "Aqui em casa, carne é supérfluo", diz Benedita.

Para substituir o biscoito e o pão que não pode comprar, Benedita criou sua própria receita: bolinhos de farinha de trigo, que misturados com água e um pouco de óleo, vão ao fogo em forma de trança. "Eles não podem passar sem biscoito", diz Benedita, enquanto esvazia o pote de bolinhos guardado com cuidado em cima do armário da cozinha e distribui dois dos seus biscoitos para Fábio e Franciane.